

Dos barracos de papelão à alvenaria

A repórter Amândia Coelho, encarregada da cobertura diária de Taguatinga e Ceilândia, conheceu a cidade em 73 e espantou-se há sete meses, quando voltou lá em missão profissional. A cidade havia crescido muito mais do que o previsto. Aqui, seu depoimento, quase um balanço de uma repórter que vive diariamente uma cidade que aprendeu a gostar e a respeitar.

AMÂNDIA COELHO
Da editoria de cidade

Dois anos depois da implantação de Ceilândia, a cidade-satélite não passava de um aglomerado de barracos até de papelão, em meio à poeira que formava os folclóricos "lacerdinhãs" - redemoinhos de vento levantando a poeira vermelha, lixos, invadindo casas de Brasília. A comparação entre o Plano Piloto e a área - já que aquilo não poderia ser chamado de cidade era surrealista. Havia divisões de lotes, uma pobreza chocante, crianças, muitas crianças descalças, sujas, segurando sabe-se o que, um carrinho de plástico estragado, sem rodinhas, uma lata com cordões, um "brinquedo".

Ano passado o quadro foi chocante, mas em outro prisma. Ao chegar à satélite, após uma longa ausência de cerca de 10 anos, o traçado das ruas, as casas de alvenaria alinhadas, a infraestrutura objetivada, mesmo que precariamente, e principalmente seu crescimento foram uma surpresa. O que se repetia era a pobreza, as mesmas crianças improvisando nas ruas um "brinquedo", largadas de pai e mãe - que saíam às cinco horas e voltavam somente às 20 horas, trabalhando no Plano Piloto, no Lago ou mesmo em Taguatinga. Aí estava a criança abandonada, que os números de causas no Fórum de Taguatinga atestam, como no Juizado de Menores.

No espaço de dez anos Ceilândia mudou, sofisticou-se, mas seus problemas maiores não foram solucionados. O maior deles, a segurança, permanece insolúvel, algumas vezes amenizado. As pessoas continuam a serem assaltadas até durante o dia, e geralmente não dão queixa na polícia por descrença de sua eficiência. Os crimes bárbaros são privilégio de Ceilândia, e a explicação já deixou muito sociólogo "careca", sem ser encontrada. O trabalho de assistência social quase que não tem resposta da comunidade são tantas as carências advindas do subemprego ou desemprego que seria impossível resolvê-las.

Mas em inúmeras reportagens não soufrí ameaças da população, e sim da polícia. Opinião esta compartilhada pela maioria dos habitantes de Ceilândia, que preferem o silêncio num acontecimento corriqueiro do que a denúncia. As pessoas da cidade são simples, poderia dizer puras na sua ingenuidade, no afeto. Extremamente carentes em conhecimentos, a maioria provinda do interior de vários estados brasileiros, elas conseguem expressar a realidade brasileira, mais do que em qualquer lugar do mundo - talvez devido à mistura cultural e à baixa renda familiar. É gostoso tratar com a afabilidade das pessoas da Ceilândia.

LAZER

Tenho absoluta certeza de que o lazer da comunidade ceil-

landense é a luta pela sobrevivência - seja dos adultos ou da garotada. Lá é um lugar essencialmente dormitório - dos meninos que cedinho saem para o Plano Piloto ou Taguatinga para lavarem carros nos estacionamentos, ou dos homens e mulheres que trabalham fora por um salário mínimo que agora, mal dá para a passagem de ônibus. Tenho um amigo de 12 anos que todo dia sai para o Plano e toma conta dos carros estacionados no Conjunto Nacional. Depois ele dá uma "passadinha" no Beirute, sempre janta às custas de alguém, pede um dinheirinho e volta para a satélite no "corujão" - três horas da madrugada. A mãe trabalha de lavadeira e os seis irmãos ficaram em casa, sozinhos. Ele é arrimo de família.

Com tudo isso, a garotada que fica na Ceilândia curte um bocado um futebol. Chapinha na água da chuva, não ligando ou desconhecendo o perigo de contaminação. Outras crianças gostam de brincar de "pique-pega" - talvez um treinamento futuro para fugir dos marginais, que diga-se de passagem, são oriundos de outras cidades-satélites, e lá fazem seu esconderijo. Outra brincadeira perigosa é descer nos buracos das erosões, e no tempo chuvoso improvisar uma "piscina" com a água acumulada. Alguns apreciam os bueiros e bocas-de-lobo com gatos e cachorros - o terror da administradora regional, Maria de Lourdes Abadia.

Na cidade não existe **play-grounds** públicos, piscinas, o cinema é bangbang puro, incentivo à violência. As festas acabam em mortes, a criança positivamente não tem vez por lá. Fico imaginando quando a criança - uma vez por ano, provavelmente - vai ao Parque Rogério Phiton Farias, a grande diversão. Ou quando passeia aos domingos, sempre à tarde, depois da folga maternal, no Parque Vivencial de Taguatinga. E também imagino o contraste do ambiente, as coisas que elas vêem sofisticadas no Plano. A fome que sentem ao passarem por restaurantes ou sorveterias. A maioria come, no dia-a-dia, arroz e feijão com farinha. Trabalham domingo na feira, carregando pacotes de compras. Arrumam a casa para a mãe cansada da labuta semanal. Tomam conta dos irmãos menores - aliás, o que mais se vê.

Maria de Lourdes, a amiga e prefeita

Maria de Lourdes Abadia, a administradora regional da Ceil-

Gilberto Alves



As crianças têm até que inventar o próprio brinquedo

lândia, está no cargo certo. Como assistente social desde a remoção das invasões e criação da satélite - a maior do Distrito Federal - sabe como agir com a população no cotidiano. Penso que todo dinheiro do mundo não resolveria os inúmeros problemas da cidade. Mas ela consegue - nem sei como - fazer muito, aos trancos e barrancos, como diz o ditado.

Nas audiências ela atende os casos mais graves. Alguns chegam a ser caóticos - é a vizinha que dá parte do lixo despejado na porta da sua casa, ou o marido que espancou a mulher. Nestas horas a Administração Regional é o refúgio, funciona como delegacia de polícia. Maria de Lourdes é a "prefeita", a mãe, a amiga. As vezes, quando os pedidos não são atendidos, ela é chamada de má, incompetente. Realmente não se consegue agradar a Deus e ao Diabo. Ainda bem que ela tem consciência disso.

Não vejo a cidade-satélite sendo administrada por um homem, que perdoem os machões da vida. Ser a administradora mulher, é básico, porque há necessidade de muito amor. Maria literalmente "casou" com a Ceilândia. Nas decisões a tomar, ela dosa muito amor porque viu o processo de crescimento, sua expansão. Quem, hoje em dia, poderia ter conhecimento das necessidades da satélite chegado de uma mesa de tecnocrata?

É importante se frisar que a administradora regional não tem poderes para agir independentemente. O cargo apenas permite administrar, agora que o governo do Distrito Federal vem assumindo posição de descentralização parcial. O que seria excelente se objetivado. Aliás, o assunto puxa outro: a eleição direta do administrador regional. O povo ceilandense fala muito no tema, e a cidade possui líderes - haja vista as inúmeras associações de moradores criadas nos diversos setores. Com absoluta certeza, se um dia acontecer eleição de administrador, Maria de Lourdes não concorrerá, devido ao cansaço.

Mulher é heroína e uma vítima diária

Se as feministas dizem que a mulher ainda é discriminada pelo homem, a mulher ceilandense é muito mais. Vítima do sistema, é também uma heroína do dia-a-dia, porque quando não trabalha de lavadeira ou

faxineira no Plano Piloto, tem que, de um reduzido salário, sustentar uma prole numerosa. Vítima da violência física, verbal, emocional, sempre é o alvo do homem ou da sociedade.

Invariavelmente seu cotidiano - quando fica em casa - é acordar cinco horas da madrugada, para preparar a marmitta do marido, quando tem. Nunca é demais se falar que muitas foram abandonadas pelo companheiro com cinco filhos, em tragédias e espancamentos. O resto do dia fica por conta da arrumação da casa - verdadeiros cubículos - fazer do arroz-com-feijão uma iguaria, bisbilhotar o mercadinho para achar alguma coisa comestível mais barata. Ou então lutar contra a poeira ou a chuva - dois inimigos número um da dona-de-casa de lá.

Algumas trabalham na própria satélite de manicure ou cabeleireira. Outras saem cedinho e deixam os filhos trançados ou soltos nas ruas. Os problemas são tantos que o abandono é menos importante. Sua vida pode ser, sem exageros, expressada pela frase: "Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come". É mais comum, diante disso, se entrar "Amélias" pela satélite. Mulheres "sugadas" pelo sistema, pelos filhos, pelos maridos, pela vida. Mulheres que têm 20 anos e aparentam terem 40. Cansadas, mas possuidoras de fé no amanhã, não se sabe porquê.

A família numerosa não tem mais lugar

O nome já nem lembro. Era uma mulher como outras, só que tinha onze filhos, e nenhum lugar para morar. Aconteceu no Natal do ano passado a reportagem. Ela buscou durante uma semana, depois de um despejo, um barraco de dois cômodos para alugar, sem encontrar. Ninguém desejava uma família tão numerosa pelas imediações ou em sua casa, mesmo distante. Então a reportagem, em forma de apelo, foi publicada. Nossa esperança é que alguém se movesse, mas foi inútil.

Aí Doralice - se não falha a memória - decidiu construir um barraco de compensado e papelão numa viela da Ceilândia Norte, área proibida por decreto governamental. Explicamos isso, ela não entendeu muito bem. Falamos de outro despejo - que posteriormente se efetivou. Ela queria ganhar tempo, a chuva estava molhando as crianças - de um mês de idade a 15 anos.

Assim Doralice, abandonada pelo companheiro, construiu - desta feita com a solidariedade de vizinhos - um barraco cheio de frestas, que a chuva invadia. Logo depois - quase um mês - os fiscais deram a ordem de despejo. Os vizinhos, solidários mais uma vez, fizeram um abaixo-assinado. Desejavam saber se ela seria encaminhada para alguma moradia. Atarantada, sua preocupação era uma só: ter um lugar para morar. No final deu tudo certo. Foi encaminhada para uma das instituições filantrópicas da cidade - poucas, diante do número de desabrigados. Mas casos como este, de Doralice, se agregam à crônica de um escritor qualquer que se fixe na Ceilândia. Desempregada - com quem deixaria as crianças? - ela vive da caridade. O caso chocou mais do que a morte.